

## A ENCENAÇÃO DO RISCO NO TEMPO PRESENTE:

*imagens, dispositivos e subjetividade*

**Alexandro Uguccioni Romão<sup>1</sup>**

Esse trabalho se insere em um esforço de investigação de imagens sobre a encenação do risco, na época contemporânea, com vistas a avançar na formulação de um escopo investigativo e teórico que dê conta de aprofundar a compreensão das mudanças observadas nesse campo. O foco é compreender a complexidade de novos fatores, jogos de poder e as tensões que emergem em volta da encenação do risco, de forma a contribuir para a criação de outros entendimentos investigativos sobre a produção imagética contemporânea, acerca do risco. Essa pesquisa tem como objetivo geral investigar a maneira pela qual as imagens do risco – ameaça de acontecimentos futuros – fazem emergir encenações que engendram modos de ser, sentir, pensar e agir, diante das dimensões do risco, no tempo presente.

Destaca-se, nesse trabalho, os seguintes objetivos específicos: 1. Esquadrinhar inúmeros materiais imagéticos referentes a encenação do risco, nas seguintes categorias: relações de definição e responsabilização; antecipação, controle e prevenção; e privatização das condutas; 2. Identificar os sentimentos que emergem das imagens do risco – se chegam a formar um senso – a partir da investigação do campo de visibilidade e de suas diversas maquinarias atualizadas pelos jogos de poder; 3. Compreender o funcionamento dos dispositivos relacionados aos modos de percepção do risco, na atualidade.

A composição do corpus de investigação desse trabalho busca evidenciar as imagens do que é possível ver quanto aos meios de definição de riscos, os modos de lidar com as precauções e por quais maneiras se antecipam os resultados dos riscos. A princípio, como artifício de modulação do campo investigativo e de definição de vetores de estudo, propõe-se as seguintes categorias referentes as imagens de encenação do risco: (1) relações de definição e responsabilização; (2) antecipação, controle e prevenção; e, por último: (3) privatização das condutas. Apesar de singulares, as categorias, supracitadas, alargam-se e/ou estreitam-se em suas dimensões específicas, e, ao mesmo tempo, relacionam-se, entre si, compondo um conjunto norteador para o caminho investigativo. Diante disso, utilizar-se, a perspectiva

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (PPG/FAC/UnB), orientadora: Claudia Linhares Sanz, e-mail: romao.mkt@gmail.com

genealógica, com foco na análise da contingência daquilo que produziu as verdades e as emergências sobre o risco. Correspondentemente, buscar-se investigar a “entrada em cena das forças; [...] o salto pelo qual elas passam dos bastidores para o teatro” (FOUCAULT, 1979, p.24). Admite-se nessa pesquisa, que a emergência se constitui por um determinado jogo de forças.

O pesquisador Ulrich Beck (2015), foi pioneiro no apontamento que contrapõe os horizontes emancipatórios provenientes de uma modernidade progressista e os riscos associados a essa racionalidade de liberdade dos indivíduos da sociedade. A sociedade de risco surge em meio a uma crise nas instituições que emergiram na modernidade, crise esta que é acompanhada de um retorno da incerteza do futuro, que aparece enquanto uma dimensão de risco. Os autores Pierre Dardot e Christian Laval (2016) atuam em algumas lacunas do diagnóstico de Beck sobre a sociedade do risco, ao observarem uma modificação epistemológica do risco, que fornece uma dimensão ao ser social na qual o risco faz parte da vida. Nessa visibilidade, o risco não é um problema ou uma dimensão a ser evitada, tornando-se imanente à vida e, igualmente, um diferenciador social.

Os resultados aguardados se relacionam com imagens que produzem as seguintes ideias: aprender com autonomia, desde cedo, a correr e avaliar os riscos, para que no futuro as crianças se tornem adultos aptos a lidar com as incertezas da vida, a partir de uma conduta de resiliência; prevenir os riscos futuros, com o uso de ferramentas tecnológicas, antecipam o risco pela prevenção; A responsabilidade pelos riscos é definida pelo entrelaçamento de jogos de poder num esquema em que a encenação produzida briga pela produção de um modo de percepção do risco na dimensão de responsabilização.

**Palavras-chave:** Encenação do risco; imagem; dispositivo; subjetivação.

## Referências

- BECK, U. *Sociedade de Risco Mundial - Em Busca da Segurança Perdida*. Trad. Marian Toldy, Teresa Toldy. - 1a ed. - Lisboa: Edições 70, 2015.
- DARDOT, P; LAVAL, C. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. Trad. Mariana Echalar. -1a. Ed. - São Paulo: Boitempo, 2016.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. -1a ed. - Rio de Janeiro: Graal, 1979.